

ENEIAS, UM HERÓI DA *ILÍADA*

MARIA DE FÁTIMA SILVA

Universidade de Coimbra

fanp@ci.uc.pt

Resumo

Apesar de obedecer, na *Ilíada*, a todos as condições que fazem parte do código de honra de um herói superior, Eneias não satisfaz, pelo sucesso em campo de batalha, as expectativas correspondentes. Perante os melhores entre os seus adversários não resiste e é salvo, em geral, por algum deus amigo. Talvez porque afinal estivesse reservado para um destino superior.

Palavras-chave: *arete*; herói; destino.

Abstract

Even if Aeneas satisfies, in the *Iliad*, all the conditions established by a superior code of honour, his success in the battlefield is not at the same level. In front of the best of his opponents he doesn't resist and is saved by some friend god. Perhaps because some special destiny was reserved to him.

Key-Words: *arete*; hero; destiny.

Não deixa de ser, de certa forma, paradoxal o papel que a épica homérica destina a Eneias, um dos aliados mais ilustres dos Troianos na guerra contra a invasão aqueia. Todos os traços que lhe compõem o retrato correspondem aos que são próprios de um herói de primeira qualidade; *arete*, *time* e *aidos*, como termos expressivos dos mais representativos valores da sociedade arcaica, todos, por direito, se lhe aplicam. É distinta, antes de mais, a linhagem de que descende, muito próxima, pelo parentesco, da que governa a casa real de Tróia, e que ascende, como sua origem última, ao pai dos deuses olímpicos, o próprio Zeus. Não lhe faltam, em potência, todas as qualidades que o ascendente promete e o seu estatuto de *aristos* exige. Revestem-no armas e acompanham-no cavalos que honrariam qualquer verdadeiro aristocrata da época arcaica, e o respeito que nutre pelos valores do código militar em vigor tornam-no digno de uma panóplia de epítetos enobrecedores. Lá dos céus, os deuses observam-lhe os movimentos e não tardam, em momentos decisivos, a estimulá-lo, a protegê-lo, ou mesmo a salvar-lhe a vida. Entre os companheiros, é reconhecido como um comandante superior e o seu conselho escutado e seguido com prontidão e respeito. Por isso partilha com os primeiros entre os Troianos, desde logo com Heitor, convivência, responsabilidade e poder. Entre os inimigos, mesmo os melhores não deixam de sentir um frémito de susto à ideia de o ter por adversário; é perante um Diomedes, um Menelau, um Idomeneu ou mesmo com o próprio Aquiles que se mede. A *Iliada* reserva-lhe intervenções marcantes, nomeadamente nos cantos V, XIII, XVII e XX, onde a actuação que desempenha, sobretudo no campo de batalha, tem a dimensão que só uma *arete* verdadeira justifica.

E, no entanto, alguma fraqueza, de alma e de braço, lhe põe diante, com frequência não excepcional, o caminho da fuga, sempre que alguma imprudência o leva a expor-se fora das linhas de combate, isolado, e a defrontar guerreiros que, de facto, lhe são superiores em agilidade e força e lhe põem a vida em risco. Ponderados méritos e fracassos, parece que devemos reconhecer no filho de Anquises mais um herói em potência, do que propriamente um combatente bem sucedido. Certo é, porém, que as diversas entidades que o cercam parecem apostadas em o proteger, como a alguém que, pela própria natureza e estatuto, tem ainda um destino superior a cumprir.

Se a caracterização de Eneias, em consequência do papel secundarizado que lhe é atribuído pelo poeta da *Iliada*, não é minuciosa, é, mesmo assim, sugestiva nas facetas que dele vai traçando. A superioridade de um herói depende, em primeiro lugar, da sua

genealogia, que, se verdadeiramente distinta, incorpora poder e riqueza. E porque a *arete* é, com frequência, uma herança, o guerreiro sente necessidade de referir ou de esclarecer o seu ascendente familiar em momentos cruciais⁽¹⁾. A *Ilíada* detém-se, com profusão de pormenores, no traçado da genealogia de Eneias, naturalmente também porque ela coincide com a da própria casa real troiana (20. 203 sqq.). O contexto em que lhe traça o contorno – em pleno confronto com Aquiles – permite até uma comparação, favorável a Eneias, com o melhor dos Aqueus. Se os dois pessoalmente se não conhecem, a ambos é familiar a linhagem do adversário que, em função da excelência que reveste, foi motivo de uma tradição a que os poetas vieram conferir uma inegável glória (20. 203-204, 213-214). Se Aquiles pode vangloriar-se de ser herdeiro de Peleu e de uma deusa, a marinha Tétis, Eneias, por seu lado, orgulha-se de progenitores como Anquises e uma outra deusa, Afrodite, que em estatuto, como descendente de Zeus, ultrapassa a filha de Posídon (20. 105-107). Esta filiação semi-divina é, na *Ilíada*, objecto de remissões insistentes (2. 819-821, 5. 247-248, 311-313, 468, 20. 160) e revestida do toque poético de uma união de amor, que os vales do Ida patrocinaram, entre a deusa e o boieiro. Entre os seus filhos, Afrodite dedicou a Eneias um particular afecto (5. 378). Em si mesma, a origem coloca Eneias acima do excepcional Aquiles, embora o Dardânio relativize essa vantagem com o reconhecimento de que «Zeus aumenta ou diminui a *arete* humana a seu bel prazer» (20. 242-243); assim transfere o mérito de um plano estritamente hereditário para o pessoal.

Mas não se limita aos progenitores directos o retrato, de justificado orgulho, que Eneias pode fazer da sua família. Em última análise é ao próprio Zeus, pai de Dárdano, o fundador da Dardânia, que ele ascende (20. 215 sqq.)⁽²⁾, desde tempos tão remotos que antecedem a própria construção de Tróia. Se a natureza, em eras pré-civilizacionais, deu, aos antepassados dos Troianos, um quadro de bucólica prosperidade, marcado pelo viço fértil e irrigado das encostas do Ida, o herdeiro de Dárdano, o soberano Ericciónio, podia já orgulhar-se de disputar, entre todos os homens, o primeiro lugar em riqueza, avaliada numa manada de três mil cavalos, de uma raça pura e superior. Foi com a descendência de Ericciónio que a família se ramificou, a partir do filho de que foi progenitor: Trós, o epónimo dos Troianos, gerou Ilo, Assáraco e Ganimedes, que garantiu aos Dardânios uma nova qualidade de excelência, juntando ao prestígio e à riqueza uma formosura só comparável à dos deuses. Ilo foi, por sua vez, pai de Laomedonte

e avô de, entre outros (Titono, Lampo, Clício e Hiquetáon), do último senhor de Tróia, Príamo; por fim, de Assáraco nasceu Cápis e deste Anquises. Como que a celebrar, na geração sua contemporânea, as figuras de referência, Eneias pode concluir (20. 240): «A mim gerou-me Anquises, e Príamo teve por filho o divino Heitor». Fica, portanto, claro o vínculo de sangue que faz de Eneias e do primeiro dos guerreiros troianos primos directos.

Desde a infância que Eneias viveu próximo da casa real troiana, acarinhado por alguns dos seus parentes mais chegados, como Alcáto, seu cunhado, por exemplo (13. 465-466). No entanto, talvez porque a numerosa descendência do tio o impedisse (20. 183), Eneias nunca encontrou junto do poderoso Príamo o afecto e reconhecimento devido à sua bravura (13. 460-461)⁽³⁾. Esta é uma frieza que ofende o visado e o leva a optar por uma atitude arredia, como vítima de exclusão social. Embora sem atingir as proporções de que o caso de Aquiles, perante a ofensa de Agamémnon, é paradigma, também Eneias, descontente com a resistência de Príamo, se ausenta do campo de batalha e da participação no combate (13. 459-461). Mas ambos os guerreiros, apesar de sensíveis à ofensa contra a sua *time*, colocam à frente desse conflito o dever para com os seus *philoí*, Aquiles por vingança da morte de Pátroclo, Eneias de Alcáto⁽⁴⁾. O Pelida pode mesmo imaginar, no denodo com que Eneias se dispõe a confrontá-lo, o objectivo de se impor pelas provas dadas em combate e, com uma possível *aristeia* contra o primeiro dos Aqueus, conquistar a Príamo o poder que ele detém (20. 178-183). Como lhe parece também possível, dada a dignidade do adversário do momento, que os Troianos lhe tivessem destinado, como prémio pelo empenho na defesa da pátria, «uma bela propriedade, tão boa para os pomares como para os cereais, de que pudesse fruir se o liquidasse» (20. 184-186)⁽⁵⁾. Talvez esta fosse, na mente do Pelida, uma atitude colectiva que pudesse funcionar como uma compensação, efectiva e material, que a *time*, a manifestação do apreço pelo valor de outrem, exige, a neutralizar a reacção do rei de Tróia. Resistência essa que se mostrou inoperante face aos desígnios divinos; assim o denuncia Posídon, ao salvar dos golpes do Pelida o jovem troiano, pois dele dependerá, num futuro que ameaça Príamo, a sobrevivência de uma linhagem, a que Zeus dedicou particular afecto (20. 300-308), destinada a reinar, apesar dos reveses, de geração em geração⁽⁶⁾.

À superioridade da linhagem corresponde, no ânimo de Eneias, o impulso de excelsas qualidades – ou seja, um profundo sentido de

aidos, da procura de um comportamento compatível com a dignidade familiar e social que se possui –, harmónico também com a noção de uma *arete* guerreira. As armas são, no código por que se orienta, a extensão visível de um impulso corajoso, que põe cada combatente no caminho da glória (5. 171-172, 447-448, 513); a mesma determinação que recomenda aos companheiros impele-o também para o cometimento de feitos valorosos na confrontação com os mais valentes de entre os inimigos (5. 218-220). É sobretudo como auriga que se distingue, fazendo jus a uma tradição familiar que, desde Erictónio, faz dos Troianos exímios criadores e domadores de cavalos (5. 221 sq.). Não falta aos companheiros, nas piores horas, com um sentimento de *philia*, que encoraja e salva. Possui igualmente uma *sophrosyne* e uma capacidade intelectual que introduzem no seu perfil um interessante aprofundamento. Sabe como usar a palavra e tem da oportunidade do *logos* um sentido apurado. Nessa perspectiva, que sugere, no campo adversário, a prerrogativa de Ulisses, ultrapassa Aquiles, com quem troca, em pleno campo de batalha, um diálogo vivo e prolongado, num jogo hábil de ameaças. Sabe desmascarar os artifícios do adversário, que visam, com arremetidas «infantis», desmoralizá-lo ou condicionar-lhe o ânimo (20. 200-202): «Pelida, não julgues que me assustas com palavras, como se eu fosse uma criança. Sou tão capaz como tu de desafios e de insultos» (cf. 20. 210-212, 244-247). Exige dignidade no discurso entre dois combatentes que se prezam, de modo a que se evitem banalidades e insultos, próprios de discussões inflamadas entre mulheres que se desafiam, num despique de verdades e mentiras, em plena rua. Tem, portanto, uma natural capacidade para discernir, no discurso humano, a versatilidade de *nuances*, e para recomendar um princípio que a técnica da retórica clássica muito veio a prestigiar, o *kairos* ou sentido da oportunidade (20. 248-257). Por fim, entre os valores que preza, inclui-se aquele que se tornaria, no poema latino que celebra a sua gesta, a *Eneida*, a sua marca essencial, «a piedade». Na hora crucial do perigo, antes de empunhar as armas, ele ergue uma prece aos deuses, numa confiança que lhe vale a fidelidade e a protecção divinas (5. 174). Posídon reconhece-lhe as dádivas generosas, «ele que sempre oferece presentes agradáveis aos deuses do vasto céu» (20. 297-299) e, por isso, se opõe à injustiça de entregar, sem resistência, este homem inocente e piedoso à voracidade de Hades.

Em harmonia com um espírito ousado, a que não falta o sentido da dignidade e da luta pela glória, manifesta uma agilidade e um

potencial físico, que se espelham das armas que usa e das competências em que é perito. O escudo e a espada, comprida e poderosa, que empunha (5. 297, 20. 162-163, 267), a armadura que lhe reveste o corpo – «ombros cobertos de um couro curtido e rijo, sobre que assenta o bronze maciço», 17. 492-494; cf. 20. 117 –, e o elmo que lhe protege a cabeça (20. 162), robusto e pesado, constituem um conjunto sólido e esplendoroso, no seu brilho metálico, que um inimigo ilustre como Diomedes se honraria em capturar (5. 434-435). Mas é sobretudo como auriga que o filho de Anquises se distingue, cumprindo uma tradição troiana com um passado longínquo. Soberba é a parelha que tem atrelada ao carro de guerra; são cavalos de Trós, de raça superior e bem adestrados para as exigências do combate, capazes «na planície, seja em que sentido for, de perseguir ou de fugir» (5. 221-225), assim pondo em perigo o inimigo ou retirando, em segurança, o seu auriga⁽⁷⁾. Também eles têm, como no caso de outros guerreiros de excelência – Aquiles ou Pátroclo – uma cumplicidade efectiva com o seu senhor. É sobretudo à sua voz de comando que obedecem e sob a sua condução que são capazes de produzir o melhor rendimento (5. 226-238). Não surpreende, portanto, que seduzam a ambição adversária, que projecta, se vencido Eneias, trazer ao acampamento aqueu a ferosa parelha (5. 273).

Face às qualidades, morais e físicas, de que é detentor, são-lhe devidos epítetos de excelência que o colocam ao nível dos melhores, os *aristoi*, no combate como na tomada de decisões (6. 78-79, 17. 513, 20. 158). Na retaguarda, onde se prepara a estratégia do combate, contam os seus homens com a opinião avisada de um conselheiro competente, βουλευφόρος (5. 180, 13. 463, 17. 485, 20. 83). Mas em plena refrega, muitas são as qualidades que evidencia, como chefe responsável pela condução de um povo destacado (άγος, 5. 127). Nele se adivinha o combatente ágil (θοός ... πολεμιστής, 5. 571-572), «de pés velozes» e «de uma força tremenda» (πόδας ταχύν, μάλα καρτερος, 5. 243-248, 13. 482-483), impelido por uma natural bravura (δαίφρων, 20. 267, έσθλος, 20. 312. έυς, 2. 819, 12. 98, 17. 491). No conjunto, a impressão que produz merece o elogio contido em epítetos como «magnânimo» (μεγαλήτωρ, 20. 175, 263, 293), de que, aliás, também Anquises, seu pai, foi merecedor (5. 468, 20. 208), ou de «igual a um deus» (11. 58), estatuto que os Troianos lhe reconheceram.

Se os mortais o honram com o reconhecimento da *time* que possui, não menos atentos são os deuses, que cercam Eneias de um zelo

permanente. São diferentes os motivos que mobilizam as várias divindades. Afrodite age por amor materno, preocupada com a vida do mais querido dos seus filhos (5. 311-317), que, com uma delicadeza bem feminina, «ela envolve nos seus alvos braços, enquanto sobre ele estende uma prega do vestido fulgurante, para o proteger dos golpes». E quando a deusa, atingida pelo fervor ousado de Diomedes, deixa cair Eneias (5. 343, 376-378), Apolo prontamente o agarra e o esconde, sob a protecção opaca de uma nuvem (5. 344-346). Perante a persistência do filho de Tideu, que não hesita em investir contra os deuses na sua determinação de ferir o Troiano (5. 432-435), Apolo decide-se por retirar, milagrosamente, o seu protegido do campo de batalha, frustrando assim o empenho de um inimigo que vivia então a sua *aristeia*. Não quis o deus que o combate se esbatesse de vigor, ou que os Troianos esmorecessem, por falta de um dos mais distintos dos seus chefes; por isso, enquanto sua mãe e irmã, Latona e Ártemis, promovem, sob a protecção refrigerante do seu templo em Pérgamo, o restabelecimento do herói, Apolo substitui-o, em pleno combate, por um «fantasma» (εἶδωλον), que se lhe assemelha no aspecto e nas armas, em volta do qual a refrega se encarniça (5. 445-453)⁽⁸⁾. Mas a generosidade atenta de Apolo vai ainda mais longe: depois de recuperado pelos cuidados divinos, na distância protectora de Pérgamo, o deus promove o seu regresso ao combate e à companhia dos seus homens, ileso e revigorado, capaz de trazer à resistência troiana uma força nova (5. 512-516).

A mesma intervenção estimulante terá de novo Apolo, quando a luta se encarniça em torno do cadáver de Pátroclo, que os Aqueus defendem com denodo. Para contrariar, nos Troianos, um momento de fraqueza, Apolo aborda de novo Eneias, desta vez sob o disfarce de um velho amigo, Perifante, o arauto que de há anos servia, com dedicação, a casa de seu pai. Sem se deixar iludir pela aparência, o jovem guerreiro reconhece o deus e encontra, nas suas palavras, um estímulo contagiante, em nome dos interesses superiores de Tróia (17. 322-341). Particularmente controversa é a intervenção divina no maior desafio que, em todo o poema, confronta Eneias: o de lutar com o próprio Aquiles. Não era a primeira vez que os dois guerreiros mediam forças. Já antes no Ida⁽⁹⁾, Eneias experimentara a superioridade do rei da Ftia, e fora salvo, nessa altura, por um Zeus magnânimo, que lhe reforçou o fôlego e a agilidade dos pés contra o herói «de pés velozes» por excelência (20. 89-94; cf. 20. 188-194), livrando-o de uma morte certa. Mas eis que de novo o destino coloca os dois inimigos

frente a frente. É então que, para desviar a atenção de Aquiles que se centra, assassina, em Heitor, os deuses lhe põem diante Eneias, que Apolo, outra vez disfarçado, incentiva a enfrentar a oportunidade de realizar o objectivo máximo com que sonhava (20. 75-85). Nem o empenho divino, nem o esforço humano bastam, porém, a reduzir a desproporção de valia que separa os dois combatentes. Por isso, contrariando as intenções de Apolo, é então Posídon quem, movido pela pena e gratidão para com o piedoso Eneias, se adianta em sua defesa (20. 291-302). De novo o milagre intervém de modo a preservar Eneias com vista a um futuro para Tróia. Com o obscurecimento momentâneo da visão de Aquiles (20. 321-322), e salvaguardado pela adesão de Hera, ainda que inimiga perseverante dos Troianos disposta a admitir a salvação de Eneias (20. 309-317), o deus do mar produz a retirada fantástica do seu protegido (20. 325-327), em voo sobre as falanges, até ao extremo do território onde o combate se acendia. Quando a Aquiles é, por fim, restituída a lucidez, o seu primeiro pensamento vai para o adversário que acaba de se lhe escapar: se lhe falta a força necessária para se medir com um inimigo mais forte, é pelo menos real uma prerrogativa de que pode gabar-se: a de ser um dilecto dos deuses (20. 347-348)⁽¹⁰⁾.

Atentemos agora, mais directamente, no papel activo que cabe a esta figura, depois de avaliados os atributos e credenciais que o definem. Entre os seus companheiros, Eneias detém um lugar de relevo, como chefe dos Dardânios (cf. catálogo dos Troianos, 2. 819) e parente próximo da casa real de Tróia, como vimos. Por isso o encontramos, em geral, integrado entre os mais notáveis defensores da cidadela, e sobretudo associado a seu primo Heitor⁽¹¹⁾, o primeiro dos heróis troianos. Em relação ao universo guerreiro que o cerca, Eneias não é apenas considerado pela capacidade «competitiva» que detém; obedecendo aos cânones da sociedade arcaica, ele é também um exemplo de «cooperação», na utilidade que representa para os companheiros⁽¹²⁾. Nas horas de maior perigo, é aos filhos de Anquises e de Príamo que os combatentes troianos, em dificuldade, recorrem, confiantes na sua capacidade de chefia e sentido da responsabilidade. Assim Heleno, um outro dos filhos do soberano de Tróia, que a ambos alerta para o medo que se apodera da resistência troiana, que abre espaço para o risco a que a cidadela fica exposta e para o ridículo a que se sujeita perante os inimigos, se os seus defensores baterem em retirada (6. 73-82); anima-o a certeza de que se dirige aos que são «os melhores, no combate como na estratégia», capazes de zelarem pela vida e

pela dignidade dos que lhes obedecem. Semelhante é a atitude de Glauco, depois que a morte de Sarpédon instalou, no campo troiano, um visível desânimo (16. 530-536). A mesma impressão resulta da forma como, quase espontaneamente, os homens se agrupam em torno dos seus chefes mais respeitados, Heitor e Eneias entre os primeiros (11. 56-59), dispostos, sob sua orientação, às iniciativas mais arriscadas, como o ataque ao muro defensivo dos Aqueus numa arremetida ousada em terreno inimigo (12. 88-107, em particular 98-99). Da mesma coesão e solidariedade depende a defesa daqueles que são alvo prioritário do inimigo pela resistência que oferecem; Heitor é assim particularmente visado, e defendido pelo movimento oportuno dos companheiros de armas que lhe são mais próximos, entre os quais Eneias (14. 421-426). Juntos garantem a chacina eficaz dos inimigos (15. 329-332). Ciente, por seu lado, da valia do companheiro e primo, Heitor recorre-lhe aos préstimos, em momentos decisivos, como aquele em que pretende capturar os cavalos de Aquiles, certo de impressionar a resistência inimiga à simples visão do seu avanço determinado (17. 483-490). Não se enganava o filho de Príamo, apesar de o seu plano não ter resultado em sucesso; de facto, o temor apoderou-se dos inimigos que, para lhes fazerem frente, mobilizaram nada menos do que os mais poderosos dos seus combatentes, os dois Ajax e Menelau (17. 507-513).

Além da proximidade com os seus pares, Eneias tem, junto dos homens sob seu comando, a intervenção de um chefe competente. Cabe-lhe, em primeiro lugar, dirigir-lhes uma palavra de incentivo, que contrarie o esmorecimento causado pela ameaça inimiga; é assim que Eneias reage ao fôlego indomável de Diomedes, na hora gloriosa da sua *aristeia*; a Pândaro lembra a competência que faz dele um arceiro de mérito e os valores da glória, que se testam quando o ataque inimigo é mais violento (5. 166-178). E se um deus o privilegia com o sinal de um momento favorável, mesmo se difícil, dele contagia todos em sua volta, com palavras de onde ressumam autoridade, sensatez e valentia (17. 333-341).

Mas não se fica pelas palavras o valente troiano; todos o sabem sempre pronto a entrar em acção, a tomar a dianteira, a expor-se com ardor diante dos companheiros (5. 239-245, 541-542, 564, 17. 342). Por isso o poeta lhe dedica dois símiles expressivos: o de um bode potente que atrás de si atrai as ovelhas ao bebedouro, para júbilo do pastor (13. 489-495); ou de um falcão de voo poderoso, que põe em pânico espécimes indefesos (17. 755-759).

Há, porém, no seu agir valente um toque de sentimentalismo que lhe acrescenta à personalidade uma faceta interessante. No cumprimento de um dever de guerra – o de proteger, da violência e do saque inimigo, o cadáver de um companheiro –, Eneias põe o máximo do seu empenho e valentia. Junto de Pândaro, que cedera aos golpes aqueus, monta, sozinho, uma vigilância atenta, qual leão feroz, pronto a matar quem ouse aproximar-se e soltando gritos assustadores, que são de dor e de prevenção contra qualquer ousadia adversária (5. 297-302). É também em nome de uma *philia* a que, desta vez, a voz do sangue se mistura, que Eneias corre em socorro do seu cunhado, Alcátoos, vítima da agressividade de Idomeneu (13. 424-444, 455-469).

Estas são razões suficientes para atrair a submissão entusiástica dos companheiros, que o rodeiam e o defendem quando o julgam em perigo (5. 467-469), e se alegram por o verem retomar, com as forças restabelecidas, uma luta determinada (5. 514-515).

Mas a sua qualidade guerreira tem, naturalmente, um outro cenário de teste, no confronto com os inimigos. Faz parte da sua condição de par e próximo de Heitor que lhe estejam destinados, como adversários, os mais prestigiados dos Aqueus, Diomedes, na hora de viver a sua *aristeia*, e o próprio Aquiles. Este é o cenário em que, surpreendentemente, no quadro de excelência homérica em que o filho de Anquises se situa, se abre uma brecha, por onde entra o medo, a incapacidade e o insucesso, e se escoia alguma da *arete* que o poema sobre ele foi construindo. É afinal a subserviência à própria condição humana, com as suas limitações; de acordo com a observação de Heitor, em 17. 176-178, mesmo os valentes são, por vezes, postos em fuga por vontade de Zeus. É-lhe tão própria a atitude de tomar a dianteira, de se expor fora das linhas do exército, sozinho, de desafiar os melhores, que denuncia a determinação de um bravo, como a de se deixar atemorizar, de tomar o caminho da fuga (5. 571-572, perante Menelau), ou de entregar nas mãos dos deuses uma salvação, cuja conquista está acima das suas possibilidades. Talvez Méron (16. 608-625), contra quem Eneias falha um golpe, tenha sabido sintetizar em palavras claras esta desproporção entre a vontade que o impulsiona e os resultados obtidos: «Eneias, apesar do teu orgulho, é-te difícil competir com ardor com todos aqueles que te fazem frente. És mortal, como os outros. A mim também, se eu te atingisse em pleno corpo com o meu bronze agudo, por mais forte que sejas, por mais confiante no vigor do teu braço, havias de cobrir-me de glória, e a tua alma entregar-se a Hades, o deus de ilustres corcéis».

Assim o vemos, sem temor, avançar contra Diomedes (5. 239-240, 244-245, 274-275), contra Idomeneu (13. 468-469), ou, ainda que forçado pelos deuses, contra Aquiles (20. 111, 117-118, 161-162). A sua determinação pode até causar uma primeira sensação de pavor (5. 249-250), que impressiona o comum dos guerreiros; os grandes, porém, resistem e fazem-lhe frente (5. 252-256, 13. 470-479), mesmo se um momento breve de susto não deixa de os afectar (13. 481-486, 20. 261-263). Esta resistência em pouco tempo determina o evoluir do confronto, que tende a pôr em perigo a vida do Troiano; fere-o, com uma pedra, o poderoso Diomedes, que o deixa prostrado no chão, sem sentidos (5. 305-310); nesta cedência infeliz, Eneias perde mesmo os famosos cavalos, que constituíam parte do seu património e motivo de orgulho e segurança para o seu ânimo guerreiro (5. 319-327)⁽¹³⁾; e mesmo quando os deuses intervêm, o filho de Tideu persiste, com uma teimosia que não encontra resistência do lado do Troiano, em o eliminar (5. 431-444). Frente a Idomeneu, apesar da desproporção de idades que parece dar-lhe vantagem, Eneias falha o golpe (13. 502-505); perante Aquiles não vence a resistência do escudo do Pelida (20. 267-272) com a sua lança poderosa, o que o expõe ao contra-ataque adversário; a luta prossegue, com uma tentativa de resistência misturada de um profundo pavor, conhecida que é, e já antes experimentada por Eneias, a superioridade do rei da Ftia (20. 273-290).

Mais do que a coragem ou o valor guerreiro, é sobretudo a piedade o que salva Eneias, que tem invariavelmente do seu lado, como vimos, a protecção divina. Assim Apolo e Posídon evitam que pereça face aos seus adversários mais difíceis⁽¹⁴⁾. Mas, mais do que a vida, o deus do mar dá a Eneias uma admoestação de prudência, que é talvez a legenda que melhor cabe ao papel que a *Ilíada* destinou ao filho de Anquises (20. 332-339): «Eneias, que deus te incentivou a expores-te assim, como um louco, perante o arrogante filho de Peleu, que é bem mais forte do que tu e dilecto dos deuses imortais? Ouve o que te digo, bate em retirada quando o encontrares, a menos que prefiras baixar ao Hades antes da hora. Só quando Aquiles tiver atingido o fim dos seus dias, sem medo então, combate na primeira linha, porque nenhum outro Aqueu será capaz de te matar».

Esta é talvez uma lição que serve a Eneias como um projecto de vida, e aos leitores de Homero de fasquia para avaliar o perfil que a épica deu ao Troiano, destinado a um futuro ainda imprevisível, na memória de Ílion e na fundamentação da cultura europeia.

Notas

- (1) Cf. E. LÉVY, «*Arétè, timè, aidos et némesis: le modèle homérique*», *Ktema* 20 (1995) 182.
- (2) Ou seja, Eneias descende de Zeus, pelos dois lados, materno e paterno.
- (3) LÉVY, *op. cit.*, 189, relembra como esta falta de reconhecimento da sua *time* por parte de Príamo é, de certo modo, compensada pela alta conta em que o têm os Troianos, que o consideram como um deus (*vide infra*), ou como verdadeiramente equiparável a Heitor (5. 467). Assim a *time* aparece como um valor relativo, que tem por barómetro a opinião pública.
- (4) Sobre a comparação entre o comportamento dos dois heróis, *vide* A. A. LONG, «*Morals and values in Homer*», *JHS* 90 (1970) 125.
- (5) P. MAZON, *Homère. Iliade*, III (Paris, Les Belles Lettres 1974) 21-22, admite a existência de uma outra lenda, que desconhecemos, que valorizasse a rivalidade de Eneias em relação ao poder de Príamo.
- (6) A versão que faz de Eneias soberano da Tróade, após a guerra de Tróia, está também documentada no *Hino Homérico a Afrodite* 196 sq. N. HORSFALL, «*Some problems in the Aeneas legend*», *CQ* 29. 2 (1979) 373-374, elenca, entre outras questões, como problemática a versão que relatava a permanência de Eneias em Tróia no fim do conflito. Já Arctino, dentro do ciclo épico, fundamentava esta versão.
- (7) Anquises, desejoso de manter a mesma tradição familiar, soube furto, da raça magnífica com que Zeus pagou a seu pai o belo Ganimedes, um ganhão, que assegurou, na sua estrebaria, uma reprodução faustosa (5. 265-272).
- (8) O motivo da substituição de alguém pelo seu próprio fantasma, de modo a estimular, na sua ausência, uma guerra cruenta, tem paralelo no próprio motivo do fantasma de Helena, tal como o retrataram Estesícoro e Eurípides, na palinódia e na peça que cada um, respectivamente, dedicou à esposa de Menelau.
- (9) O Ida aparece associado a diversos episódios da saga de Eneias. Aí se situava a Dardânia, terra do herói, cidade mais antiga do que a própria Tróia (20. 216-218); foi no Ida que decorreu o encontro amoroso dos seus progenitores (Hes. *Th.* 1008-1010), no mesmo monte que abrigou a infância de Eneias (*H. H. Aphrod.* 256 sqq.).
- (10) HORSFALL, *op. cit.*, 372, considera que, afinal, a pior fraqueza do Eneias homérico é exactamente não morrer e ser salvo, milagrosamente, nos momentos de perigo.
- (11) São, por isso, eles os dois primeiros a merecerem menção no catálogo dos Troianos (2. 816-821).
- (12) Cf. LÉVY, *op. cit.*, 184.
- (13) Sobre o aproveitamento e adaptação que Virgílio produziu deste reencontro entre Diomedes e Eneias, *vide* H.-P. STAHL, «*Aeneas – an “unheroic” hero?*», *Arethusa* 14. 1 (1981) 159 sqq.
- (14) *Vide supra*.